

# Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

(Organizadora)

# **Sexualidade e Relações de Gênero**

## **3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará



Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3)  Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609  1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 306.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabroçam como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906096</b>	



**CAPÍTULO 7 ..... 70**

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

*Carle Porcino*

*Cleuma Sueli Santos Suto*

*Dejeane de Oliveira Silva*

*José Andrade Almeida Junior*

*Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*

*Jeane Freitas de Oliveira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906097**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

*Fabiana Duarte e Silva*

*Francielle Pereira Santos*

*Ludmila Nunes Mourão*

*Marília Martins Bandeira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906098**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Nívia Madja dos Santos*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906099**

**CAPÍTULO 10 ..... 102**

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060910**

**CAPÍTULO 11 ..... 107**

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

*Kariane Camargo Svarcz*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060911**

**CAPÍTULO 12 ..... 119**

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

*Maria Izabel Machado*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060912**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>162</b>
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>206</b>
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

**CAPÍTULO 21 ..... 219**

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

*Ângela Kaline da Silva Santos*

*Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida*

*Lucicleide Cândido dos Santos*

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

**CAPÍTULO 22 ..... 230**

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

*Paula Land Curi*

*Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

**CAPÍTULO 23 ..... 242**

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Ângela Maria Simão Ribeiro*

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

**CAPÍTULO 24 ..... 252**

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Jussara Silva da Costa*

*Polena Valesca de Machado e Silva*

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

**CAPÍTULO 25 ..... 264**

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

*Suélem do Sacramento Costa de Moraes*

*Bárbara Hees Garré*

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

**CAPÍTULO 26 ..... 271**

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

*Jaqueline Tubin Fieira*

*Franciele Lorenzi*

*Giseli Monteiro Gagliotto*

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

**CAPÍTULO 27 ..... 283**

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Francielen Leandro Apolinário*

*Evelly Paat Sampaio da Silva*

*Elisângela Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

**CAPÍTULO 28 ..... 291**

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

*Evaldo Batista Mariano Júnior*

*Maria Aparecida Algusto Satto Vilela*

*Valeska Guimarães Rezende da Cunha*

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

**CAPÍTULO 29 ..... 311**

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

*Libna Pires Gomes*

*Paula Land Curi*

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

**CAPÍTULO 30 ..... 321**

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

*Mariluce Vieira Chaves*

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

**CAPÍTULO 31 ..... 331**

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

*Daniel Cerdeira de Souza*

*Tirza Almeida da Silva*

*Sônia Maria Lemos*

*Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato*

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

**CAPÍTULO 32 ..... 336**

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

*Solange Aparecida de Souza Monteiro*

*Paulo Rennes Marçal Ribeiro*

*Valquiria Nicola Bandeira*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Andreza de Souza Fernandes*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Isabel Cristina Correia Cruz*

*Fernando Sabchuk Moreira*

*Ana Paula Sabchuk*

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

**CAPÍTULO 33 ..... 348**

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

*Fabíola Calazans*

*Vanessa Santos de Freitas*

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>360</b>
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060934</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>370</b>
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060935</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>376</b>
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060936</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>387</b>
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060937</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>402</b>



## A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

IFSP

**Paulo Rennes Marçal Ribeiro**

UNESP

**Valquiria Nicola Bandeira**

UNIARA.

**Carlos Simão Cury Corrêa**

UNIARA

**Andreza de Souza Fernandes**

IFSP.

**Carlos Simão Cury Corrêa**

UNIARA

**Isabel Cristina Correia Cruz**

IFSP.

**Fernando Sabchuk Moreira**

UENP.

**Ana Paula Sabchuk**

UFPR.

saúde sexual e reprodutiva. Esses dados sugerem que a educação sexual seja voltada para intervenções preventivas universais compreendendo toda a população escolar e seus respectivos contextos de vida escolar, família e grupo de pares, mas também durante intervenções mas específicas e intensivas nos subgrupos identificados como prioritários. Neste artigo, analisamos as afinidades e diferenças entre o contexto brasileiro e o dos países europeus, asiáticos e latinos americanos, Seus resultados também são analisados por políticas de saúde e educação para com os adolescentes notadamente no campo da educação sexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comportamentos sexuais. Educação Sexual, Jovens, Políticas de Saúde e de Educação.

### INTRODUÇÃO

Considerando o preservativo como insumo de prevenção ao HIV/aids para pessoas sexualmente ativas, bem como compreendendo a influência das crenças sobre a intenção de uso de preservativos entre mulheres, objetivou-se identificar as crenças comportamentais e normativas, positivas e negativas, de mulheres residentes em aglomerado subnormal sobre o uso do preservativo e avaliar a associação das crenças às suas características

**RESUMO:** O objetivo principal da educação sexual é educar e desenvolver as atitudes, habilidades e a competências dos jovens, permitindo que eles se sintam informados e seguros em suas escolhas. Ensinar e esclarecer questões relacionadas ao sexo livre de preconceitos e tabus como o aumento no número de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejadas, bem como outros riscos relacionados à atividade sexual, considerando um grupo de intervenção prioritário para a

sociodemográficas. As atitudes e os conhecimentos face à sexualidade não se têm mantido constantes ao longo do tempo. Neste sentido, investigou-se que relação existe entre conhecimentos sobre a transmissão do VIH/Sida, as atitudes sexuais e as face aos portadores do VIH/Sida, em estudantes universitários. Pretende-se ainda avaliar como os conhecimentos e atitudes se relacionam com a orientação sexual. O fato de os jovens terem atualmente muita facilidade em obter informação não garante que as suas escolhas sejam as mais adequadas, por isso a educação.

A educação sexual não deve se limitar a informações sobre os aspectos físicos do ato sexual. Outras dimensões como social, cultural, emocional e ética são essenciais. Se considerarmos a educação sexual como a única maneira de prevenir e/ou mudar comportamentos, devemos considerar a importância das normas sociais e dos amigos do grupo de pares, a aquisição das habilidades cognitivas e comportamentais necessárias implementação e manutenção da mudança e considerar a avaliação da vulnerabilidade ao risco, a motivação para a mudança e os fatores situacionais que podem estar envolvidos, direta ou indiretamente, no desenvolvimento dos jovens: famílias, escolas, comunidades, instituições, organizações não-governamentais, municípios, institutos públicos e outros locais de lazer e entretenimento. Ao redor do mundo, a educação sexual recebe tratamentos diversos: nos países mais liberais da Europa o tema é considerado completamente natural e necessário, já em alguns países Islâmicos do Oriente o assunto é proibido.

Na Europa, os Estados geralmente estabelecem algumas instruções básicas sobre pautas relacionadas ao tema que devem ser tratadas nas escolas. Mas as abordagens de educação sexual diferem entre as unidades federativas e até mesmo entre escolas. A média de idade para o início da aplicação de currículos de educação sexual é entre 11 e 13 anos, e geralmente adota-se uma abordagem transversal: ou seja, não é ministrada uma disciplina específica de educação sexual, invés disso o tema é abordado dentro de outras disciplinas. No contexto europeu o tema é majoritariamente abordado nas aulas de biologia e, eventualmente, em alguma outra disciplina..

## Portugal

Em Portugal, a implementação da educação sexual nas escolas provocou um grande debate nos últimos anos. Em 1978, 1981 e 1984, a questão da legalização do aborto dividiu a população portuguesa. Embora não tenha sido aceita na época, essa questão justificava a primeira lei sobre educação sexual nas escolas. No entanto, em 1985, a preocupação com a educação sexual estagnou novamente (Reis & Vilar, 2004). Na sociedade portuguesa, muitas questões e necessidades não resolvidas foram em relação aos direitos sexuais e reprodutivos da população, o que tornou a educação sexual obrigatória em 1997.

Entre 1995 e 1998, o Programa de Educação e Promoção da Saúde e a Associação

de Planejamento Familiar criaram o projeto “Educação Sexual e promoção da Saúde nas Escolas – Um Projeto Experimental”, do qual foi planejado gradualmente para as escolas portuguesas, no sentido da integração regular de projetos e atividades de educação sexual nos vários níveis de ensino (Marques et al., 1999).

Em 2005, foi estabelecido um Grupo de Trabalho de Educação Sexual – Educação de Saúde. Este grupo decidiu que a educação sexual seria abordada como parte de um programa de promoção da saúde. De acordo com as recomendações deste grupo de trabalho, no relatório final apresentado em 2007 (WGHE, 2007 a), os tópicos a serem abordados devem incluir autores, a compreensão da sexualidade como um dos componentes mais sensíveis de pessoa em projeto para toda a vida que inclui valores e uma dimensão ética, incluindo aspectos relacionados às principais ISTs (incluindo HIV/AIDS), maternidade na adolescência e aborto, bem como aspectos relacionados ao uso de métodos contraceptivos e preservativos.

## **Holanda**

O país entende a sexualidade como algo completamente natural e saudável, e aplicação de programas de educação sexual é compulsória em todo o país. O tema é tratado desde os quatro anos de idade, porém com abordagens diferenciadas de acordo com a faixa etária. O programa de educação sexual do país foca em construção de respeito pelo corpo e sexualidade próprios e dos outros, e inclui lições sobre consento, DSTs e prazer. A taxa do país de gravidez na adolescência no país está entre as mais baixas do mundo.

Outros países que também adotam educação sexual compulsória nas escolas são Bélgica, Nova Zelândia, Inglaterra e Escócia.

## **Estados Unidos**

A educação sexual tem apoio de mais de 90% dos pais nos Estados Unidos, mas as regras para aplicação nos currículos escolares variam entre os Estados. Em quase metade dos Estados não é obrigatório instruir jovens sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, estudos realizados no país apontam que aproximadamente metade dos adolescentes afirmam não terem recebido instruções sobre preservativos e contraceptivos antes da primeira relação sexual.

## **Brasil**

No Brasil, este é um tema complexo e sujeito a múltiplas lógicas analíticas, nem todas submetidas ao rigor da interpretação científica dos dados estatísticos apresentados. As análises são tendenciosas, misturando determinantes sociais com dados brutos da epidemiologia ou o fenômeno antropológico com a sua dimensão clínica. A Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) afirma

que os "jovens de todo o mundo estão começando a vida sexual cada vez mais cedo" mas "a média de fertilidade de adolescentes entre 15 e 19 anos (76,2:1000) é expressivamente maior que a média mundial (52,6)" e conclui que "a falta de programas de educação sexual em escolas e de políticas de saúde reprodutiva são as principais causas desse índice alarmante" (Comissão Económica para a América Latina e Caribe, 2008).

O caso do Brasil é semelhante ao dos Estados Unidos. Aqui, a aplicação de um programa de educação sexual também não é compulsória aos currículos escolares.

As diretrizes para a educação no Brasil estão contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), desenvolvida pelo Ministério da Educação (MEC). A BNCC serve para nortear os currículos das redes de ensino em todo o Brasil, ela estabelece uma base de temas que devem ser tratados na educação. Não consta na Base Nacional um currículo para educação sexual (ou orientação sexual, termo que costuma ser usado no Brasil).

Nos últimos governos, o Ministério da Educação adotou uma posição de incentivar, mas não obrigar, a aplicação de programas de educação sexual nas escolas. No Brasil o assunto vem sendo tratado de forma transversal, ou seja, é sugerido que o tema seja abordado dentro de outras disciplinas.

Desde 2007, os Ministérios da Educação e da Saúde atuam em conjunto por meio do Programa Saúde na Escola para instruir jovens sobre prevenção e promoção de saúde. O programa dá instruções relacionadas ao uso de drogas e a sexualidade. Em fevereiro de 2019, os ministérios assinaram uma carta de compromisso para prevenção da gravidez na adolescência, que pretende atualizar o Programa Saúde na Escola.

Apesar desse avanço na direção de maior promoção da educação sexual, são recorrentes projetos de lei pela proibição do assunto no ambiente escolar. O projeto do Programa Escola sem Partido (EsP) é o exemplo mais notório. O programa defende que aspectos relacionados à educação moral, religiosa e sexual devem ser tratados apenas no âmbito privado (na família), e não devem ser abordados no ambiente escolar.

**Muitos pais começam por usar a história da cegonha, mas à medida que a criança cresce é preciso uma maior imaginação e conhecimento. Saiba como da Suécia a Cuba, é ensinada a educação sexual às crianças.**

Muitos pais esperam que a escola ensine os seus filhos como nascem os bebés e como funciona a sexualidade masculina e feminina. No entanto, nem em todos os países existe uma política de educação sexual constante e, nalguns, é mesmo inexistente.

## **Países Baixos e Escandinávia**

Nestes países, a educação sexual começa com a história do amor entre cães,

explicada durante a "semana da primavera" que acontece uma vez por ano. A Noruega, por sua vez, utiliza um vídeo intitulado "Puberteten", indicado para crianças dos 8 aos 12 anos. Na Suécia, as crianças da primária assistem a vídeos sobre os genitais dos meninos e meninas, às quais eles chamam de "snoop" e "snippa", antes de avançarem para matérias mais aprofundadas nos anos posteriores.

Estes vídeos e formas de aprendizagem sobre sexualidade parecem resultar, já que tanto a Noruega como os Países Baixos têm uma das taxas mais baixas de gravidez na adolescência do mundo.

## Reino Unido

Neste país a educação sexual é ensinada de forma intensiva a partir dos 11 anos de idade. No entanto, estas aulas são muitas vezes adiadas para o final do ano letivo, com um dia de aula. Os pais têm a opção de retirarem os filhos destas aulas, se considerarem que o tema não é adequado. E é o que muitos pais acabam por fazer.

Os estudantes do Reino Unido vão passar por uma mudança na grade escolar a partir de setembro de 2019. O currículo das escolas incluirá de forma obrigatória a disciplina de educação sexual, dando um foco mais abrangente aos assuntos LGBTQ+.

Há 17 anos, a disciplina, que já era ministrada de forma facultativa, não tinha nenhuma atualização, ou seja, além de gênero, também não incluía temas crescentes como sexting e pornografia online. O Departamento de Educação do Reino Unido está lançando um programa de oito semanas que deve ouvir alunos, pais e professores sobre que outros assuntos devem ser incluídos na pauta.

"Sabemos, através de pesquisas com jovens LGBTQ+, que a maioria não aprende nada sobre esses assuntos nas aulas de educação sexual, o que os deixa mal informados sobre como lidar com decisões sobre relacionamentos, saúde e bem estar", afirmou ao *The Telegraph* representante da organização Stonewall, que promove atividades educacionais para discutir temas relacionados à sexualidade.

Segundo o relatório *Teacher's Report*, 50% dos professores de escolas primárias afirmam ter conhecimento sobre bullying homofóbico dentro da sala de aula. Além disso, sete a cada dez professores afirmam que os alunos usam linguagem homofóbica. A ideia do governo é que dados como este sejam reduzidos através da educação

## China e Índia

A China apresenta um quadro controverso apesar de ter taxas crescentes de doenças sexualmente transmissíveis, programas de educação sexual são quase ausentes. As escolas não oferecem instruções sobre prevenção de DSTs, mas as Universidades fornecem testes de HIV – devido a alta incidência da doença no país.

Assim como na China, a Índia também não incentiva a adoção de programas de educação sexual. No entanto, o currículo de educação sexual desenvolvido no país é considerado o melhor do mundo – o problema é que ele quase não é adotado nas



escolas indianas.

Em 2011, um casal chinês fez manchetes em todo o mundo quando tentava engravidar simplesmente deitando-se um ao lado do outro na cama durante três anos. Mas este caso reflete como a educação sexual na China tem sido tratada no país. Até aos anos 80, o partido comunista sob a liderança do presidente Mao não deixava que a educação sexual chegasse à população. Atualmente, há mulheres que chegam a pagar mais de metade do seu salário mensal por aulas de educação sexual.

## Alemanha

Aulas sobre educação sexual começam já no ensino primário. Pais que impedem presença dos filhos podem ir para a prisão. Todos os 16 estados do país integram o ensino sobre o tema em várias disciplinas. Na Alemanha, a responsabilidade de ensinar as crianças sobre a vida sexual não é um papel exclusivo da família, mas um dever do Estado. A partir do ensino primário, os alunos começam a ter aulas sobre educação sexual.

Por lei, os 16 estados federais alemães são obrigados a promover a educação sexual nas escolas em parceria com instituições de aconselhamento familiar, com base num currículo nacional. A Central Alemã de Esclarecimentos sobre Saúde (BZgA), criada em 2003 como um centro especializado da Organização Mundial da Saúde (OMS), é a principal responsável pela implementação das diretrizes, que são guiadas pelos Padrões para a Educação Sexual na Europa (2010).

Os pais são informados antes de as aulas de educação sexual começarem, mas não têm direito a decidir se os filhos poderão ou não comparecer às aulas. Isso se deve a uma legislação que pune pais que deixam os filhos faltarem à escola.

Em 2013, um pai de nove crianças foi preso por proibir uma das filhas de frequentar as aulas de educação sexual numa escola primária do estado da Renânia do Norte-Vestfália. A mãe só não foi detida porque estava em fase de amamentação do bebê mais novo do casal. Em 2017, a família de origem russa decidiu retornar à Sibéria por não concordar com o sistema educacional alemão.

Mais do que ensinar sobre métodos contraceptivos e os aspectos biológicos dos órgãos sexuais, os professores alemães também discutem igualdade de gênero, valores sociais e emoções relacionadas à sexualidade e a relacionamentos. A abordagem do tema é holística, considerando os diferentes aspectos da sexualidade humana. Por isso, na maioria dos estados, a educação sexual é integrada a outras disciplinas, como ética, biologia, religião e ciências sociais. Em alguns estados, há disciplinas específicas de educação sexual nas escolas.

Tenho amigos alemães que receberam orientações sobre educação sexual também na crisma da Igreja Católica. Uma educadora trouxe dildos e camisinhas para que todos pudessem treinar como se proteger antes de uma relação sexual.

O índice de uso da pílula anticoncepcional é alto entre as jovens alemãs, assim

como o uso da camisinha, o que contribui para os baixos índices de gravidez na adolescência no país. Quanto melhor a educação sobre o tema, menores as chances de se contrair doenças sexuais transmissíveis e de gravidez precoce.

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a educação sexual é um tema urgente nas escolas e de maneira nenhuma incentiva o comportamento sexual de risco. Pelo contrário, os futuros jovens terão mais responsabilidade sobre saúde sexual e reprodutiva

## África do Sul

A educação sexual neste país é, atualmente, melhor do que na altura do Apartheid quando o objetivo era evitar encontros entre raças. No entanto, o sexo é visto como algo "perigoso", conforme consta no currículo "Life Orientation", devido a doenças como Sida, gravidez indesejada e violência sexual. Tudo o que seja fora do sexo heterossexual, é considerado "anormal". Por isso, muitos alunos consideram estas aulas aborrecidas e irrelevantes.

O reconhecimento da cidadania das minorias sexuais e de gênero na África do Sul foi fruto de um processo de lutas e reivindicações de um movimento combativo, que buscou inserir os direitos da população LGBT em uma perspectiva mais ampla de justiça social na transição do *apartheid* para um regime democrático. Essa compreensão abriu espaço para a consolidação de uma das legislações mais progressistas do mundo para a população LGBT: a Constituição do país foi a primeira do mundo a proibir a discriminação fundada em sexo, gênero e orientação sexual.

Por trás dessas grandes conquistas, o ativismo das minorias sexuais se apoiou em uma rede de empoderamento. Exposta no Museu do *Apartheid*, em Joanesburgo, está a caixa postal de Thokozile Khumalo, conhecida popularmente como MaThoko. Inúmeras cartas foram enviadas por pessoas LGBTs sul-africanas ao longo da década de 80 para a caixa postal de MaThoko, em busca de apoio frente à estigmatização. Dona de uma taverna na pequena cidade de KwaThema, nas proximidades de Joanesburgo, ela começou a abrigar em sua casa simples, de quatro cômodos, jovens LGBTs expulsas de suas casas e do sistema escolar, em função da discriminação. Embora ela mesma fosse heterossexual, tinha um sobrinho *gay*, o que fez com que se compadecesse da situação de jovens marginalizados pelo sistema heterossexista.

O regime do *apartheid*, na década de 80, passava por um momento de endurecimento da repressão estatal. Nesse contexto, os movimentos de resistência também eclodiram com força, pavimentando o caminho para a transição democrática na década de 90. O movimento da *gay liberation*, até então, era predominantemente formado por homens brancos de classe média, não se vinculando à luta contra o racismo institucional. Tal situação viria a se transformar com a fundação da *Gay and Lesbian Organisation of Witwatersrand* (GLOW), o primeiro movimento pelas minorias sexuais a se envolver na luta contra o *apartheid*, pelo entendimento de que as lutas

contra o racismo, o machismo e o heterossexismo estão interconectadas.

Uma das lideranças de tal organização foi Simon Nkoli, com um histórico de combate ao regime no movimento estudantil sul-africano. Após sua detenção em um protesto na cidade de Sebokeng, a orientação sexual de Nkoli tornou-se questão polêmica, pois alguns de seus companheiros defenderam que ele fosse julgado separadamente. Nkoli reivindicou seu lugar e conseguiu convencê-los da importância de considerar essas formas de discriminação tão perniciosas quanto o racismo, tornando-se um homem *gay* negro visível. Também recebendo centenas de cartas de apoio e solidariedade no cárcere, aliou-se a outros ativistas para formar um movimento que buscasse a superação não somente de um sistema de opressão, contemplando a população negra e LGBT.

Em meio a essa efervescência, a casa de MaThoko se transformou em uma das sedes da GLOW. Era, antes de tudo, um lugar de refúgio, de apoio e de cuidado, em que jovens pessoas LGBTs encontravam acolhimento, promovendo um senso de pertencimento e autoestima que turbinaria as lutas pelo respeito à diversidade de orientações sexuais e diversidade de gênero. Ainda que sua casa tenha sido demolida, a caixa postal de MaThoko representa a rede de comunicação que proporcionou o empoderamento de uma comunidade LGBT sul-africana, no contexto de um regime autoritário e segregacionista.

O nome de MaThoko também é lembrado pela editora do *Gay and Lesbian Memory in Action*, centro de promoção da cultura LGBT na África do Sul. A editora produz títulos com o objetivo de promover a educação e conscientização em direitos humanos, fomentando o respeito à diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. O símbolo escolhido para figurar como logomarca da editora é justamente a caixa postal de MaThoko.

A circulação de correspondências permitiu o contato das minorias sexuais em um período durante o qual as homossexualidades e identidades de gênero consideradas desviantes eram criminalizadas. Essa expressão do movimento LGBT, combatendo também a marginalização racial e de classe, se massificou e teve respaldo mais amplo, embasando os significativos avanços legais na consolidação do regime democrático.

Contudo, essas conquistas não foram capazes de erradicar completamente a violência no país. Atualmente, a comunidade LGBT continua resistindo tanto na África do Sul como em outros países africanos. A Internet tornou-se um meio de comunicação privilegiado para o apoio mútuo e a articulação política, seja para buscar a conquista de novos direitos, seja para garantir o cumprimento dos já previstos nas legislações. A caixa postal de MaThoko permanece como símbolo dessa rede em expansão, tendo figurado nos primórdios do movimento LGBT negro na África do Sul, quando se desencadearam lutas pelo respeito aos direitos humanos e pela democracia.

## América Latina

Na Argentina, preservativos são distribuídos a todos os alunos maiores de 14 anos. No entanto, continua a existir uma atitude mais conservadora que impede os alunos de terem aulas sobre educação sexual. Em El Salvador, por exemplo, não existe qualquer formação na área e é onde existe uma maior taxa de gravidez na adolescência na região. Por outro lado, Cuba, que fornece aulas de educação sexual desde a primária até ao final do liceu, conseguiu baixar estas taxas.

## DISCUSSÃO

O presente trabalho tem como objetivos centrais analisar a importância da educação sexual e o estado da mesma em Portugal e em alguns países da América Latina.

A partilha de informação adequada sobre sexualidade pode contribuir para que os adolescentes façam escolhas mais seguras em relação ao seu comportamento sexual (Matos et al., 2003; Matos, 2008).

Tendo em conta os resultados obtidos no estudo HBSC 2006, os rapazes são aqueles que dizem ter mais facilidade em falar sobre educação sexual com os amigos, com os pais e com os professores. Por ordem de preferência, os adolescentes escolhem em primeiro lugar os amigos, depois os colegas, os pais e por último os professores.

Alguns estudos sugerem que muitos pais mencionam precisar de ajuda, quando se trata de falar sobre sexualidade, pois não sabem o que dizer (Albert, 2007). Outros pais admitem não ter muitos conhecimentos teóricos sobre este tipo de assunto (Eisenberg, Bearinger, Sieving, Swain, & Resnick, 2004).

A influência dos pares determina as escolhas dos adolescentes no que diz respeito ao comportamento sexual, à contraceção e ao uso do preservativo (Kirby, 2001). A percepção da idade de início das relações sexuais dos pares pode ser um fator importante a ter em conta, dada a importância da influência do comportamento dos outros.

Analisando os resultados de Portugal e os da América Latina verificamos que existem múltiplos fatores de risco e proteção que determinam os comportamentos sexuais de risco dos adolescentes. São vários os estudos que referem a necessidade de se realizar a prevenção dos comportamentos sexuais de risco o mais cedo possível, uma vez que o envolvimento em comportamentos de risco aumenta com a idade (Beadnell et al., 2005; Brook, Morojele, Zhang, & Brook, 2006); Matos, 2008; Matos et al., 2000, 2003, 2005, 2006).

Deve-se salientar ainda que qualquer trabalho preventivo, de ação direta sobre o indivíduo, deve abordar os seus contextos de vida e envolver os respectivos intervenientes, no sentido de se obter uma diminuição do risco e uma ativação dos recursos de apoio.

Outros aspectos fundamentais a ter em conta no campo da prevenção do comportamento sexual de risco é a criação de alternativas saudáveis e atrativas para o preenchimento de tempos livres, bem como a organização de espaços de orientação e de apoio aos adolescentes.

A implementação de ações que visem a promoção de competências pessoais e sociais e, simultaneamente, a passagem de informação sobre os comportamentos de risco e suas consequências (quer devido à falta de conhecimento de alguns jovens, quer devido à existência de concepções incorretas) parece um aspecto importante neste campo.

Envolver os pais, os professores e os pares poderá ser um fator de proteção determinante nos comportamentos sexuais de risco, considerando que constituem elementos fundamentais na vida dos adolescentes. Sendo assim, é indispensável que sejam criadas condições para uma maior implicação das famílias na educação e relação com a escola, que os professores aumentem o seu campo de competências e intervenção, e que os amigos tenham um papel mais ativo em contexto educativo (GTES, 2005, 2007, 2007a; Ramiro, & Matos, 2008; Reis, 2003), em especial nas quatro áreas da saúde consideradas prioritárias, e que incluem a prevenção dos comportamentos sexuais de risco, ISTs, VIH e SIDA.

Neste trabalho e preparando a discussão, foram inseridos alguns dados de cinco países da América Latina: Chile, Argentina, Brasil, Uruguai e Perú.

As preocupações, no que diz respeito à Educação Sexual, são as mesmas. Os problemas da sua introdução com carácter obrigatório no Sistema de Ensino Público são também os mesmos.

Realça-se no entanto, na América Latina, uma conjuntura perturbante e mais quotidiana do que em Portugal: a gravidez (e multigravidez) na adolescência, sobretudo a associada a situações de pobreza e fraca escolarização (servindo para as agravar e perpetuar) e ocasionando frequentemente situações de monoparentalidade, violência de género, (que suscita mesmo programas de prevenção a nível do namoro), e abuso sexual de adolescentes, muitas vezes por parte de pessoas do seu agregado familiar, confere contornos complexos à intervenção profissional na área da saúde sexual e reprodutiva.

Nesta súmula, um último comentário. A análise biológica do fenómeno "Gravidez na Adolescência", de impacto muito mais discreto do que o habitualmente difundido, de modo e maneira nenhuma desqualifica esta discussão. No contexto do desenvolvimento humano, no alvorecer do século XXI, é inadmissível persistir um padrão primitivo da fecundidade humana: muitos filhos e muitas perdas... Sabe-se que estas adolescentes-mães (a maioria consciente e ciente da maternidade), pela maternagem imperiosa, abandonam a escola em número maior, têm empregabilidade diminuída, têm o segundo filho em tempo curto, não poucas vezes já com um outro companheiro, e, por fim, todo o desenvolvimento pessoal fica estrangido pela presença dos filhos; isso sem falar dos adolescentes-pais: os ausentes e inconscientes!



Mais ainda porque, de acordo com as condições sócio-económicas iniciais, as suas possibilidades já estavam limitadas. A falta de estrutura e de suporte, não só para essas adolescentes mas para todos, características da organização social utilitária e predatória, é o componente maior – negativo – desse fenómeno biológico constituinte e natural de toda a história da vida no mundo: manutenção das espécies, pela reprodução.

## REFERÊNCIAS

Albert, B. (2007). *With One Voice: America's Adults and Teens Sound Off About Teen Pregnancy*. Washington, DC: National Campaign to Prevent Teen Pregnancy.

Aquilino, M., & Bragadottir, H. (2000). Adolescent pregnancy: Teen perspective on prevention. *American Journal of Maternal Child Nursing*, 25(4), 192-197.

Beadnell, B., Morrison, D., Wildson, A., Wells, E., Murowchick, E., Hoppe, M., Gillmore, M. R., & Nahom, D. (2005). Condom use, frequency of sex, and number of partners: Multidimensional characterization of adolescent sexual risk-taking. *The Journal of Sex Research*, 42(3), 192-203.

Brook, D., Morojele, N., Zhang, C., & Brook, J. (2006). South African adolescents: Pathways to risky sexual behavior. *AIDS Education and Prevention*, 18(3), 259-272.

Carvalho, M., & Baptista, A. (2006). Modelos explicativos dos determinantes dos comportamentos preventivos associados à transmissão do Vírus da Imunodeficiência Humana. *Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento*, 8, 163-192. [ Links ]

CEPAL – Comissão Económica para a América Latina e Caribe (2008). Mães adolescentes. *Revista Ciência Hoje – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 53.

Eaton, D., Kann, L., Kinchen, S., Ross, J., Hawkins, J., Harris, W. A., Lowry, R., McManus, T., Chyen, D., Shanklin, S., Lim, C., Grunbaum, J. A., & Wechsler, H. (2005). Centers for Disease Control and prevention. National Center for Chronic Disease prevention and health promotion. *Division of Adolescent and School Health. Youth Risk Behavior Surveillance: United States*. Retirado em 4 de Setembro de 2006 de <http://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/ss5505a1.htm>.

Eisenberg, M., Bearinger, L., Sieving, R., Swain, C., & Resnick, M. (2004). Parents' beliefs about condoms and oral contraceptives: Are they medically accurate? *Perspectives on Sexual and Reproductive Health* 36(2), 50–57.

FNUAP. Fundo das Nações Unidas para a população (2005). A situação da população mundial 2005 – A Promessa de Igualdade: Equidade em matéria de Género, *Saúde Reprodutiva e Objectivos de Desenvolvimento do Milénio*. New York: FNUAP.

GTES (2005) *Educação para a saúde – relatório preliminar*, acedido em 2 Julho 2007 [www.dgicd.min-edu.pt](http://www.dgicd.min-edu.pt).

GTES (2007) *Educação para a saúde – relatório de progresso*, acedido em 2 Julho 2007 [www.dgicd.min-edu.pt](http://www.dgicd.min-edu.pt).

GTES (2007a) *Educação para a saúde – relatório final*, acessível em 30 Setembro 2007 [www.dgicd.min-edu.pt](http://www.dgicd.min-edu.pt).

Guerrero, R (2003). El Perú a diez años de la Conferencia de Población y Desarrollo de El Cairo: Situación y compromisos pendientes. Lima, Perú.

Marcela, H., & Cordero, M. (2004). Operativización del derecho a la salud. Desarrollo de un marco para la vigilancia ciudadana: el caso de la salud sexual y reproductiva. Ponencia presentada en el Congreso Latinoamericano de Medicina Social, organizado por ALAMES, Lima, 11-15 de Agosto.

Kirby, D. (2001). Understanding what works and what doesn't in reducing adolescent sexual risk-taking. *Family Planning Perspectives*, 33(6), 276-281.

Lopez Gomes, A. (1995/2004). Adolescentes y Sexualidad. Significados, discursos y acciones en Uruguay. Un estudio retrospectivo Montevideo. Facultad de Psicología, Catedra Libre en Salud Reproductiva, Sexualidad y Género y UNFPA, 2005.

Marques et al. (1999). *Educação Sexual e Promoção da Saúde nas Escolas: Um Projecto Experimental*. Consultado em 11 de Março de 2007 através de <http://www.min-saude.pt>.

Matos M.G., & Equipa do Projecto Aventura Social. (2000). *A saúde dos adolescentes portugueses*. Lisboa: FMH/PEPT-Saúde. (também disponível online em [www.fmh.utl.pt/aventurasocial](http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial), ou [www.aventurasocial.com](http://www.aventurasocial.com)).

Matos, M. e equipa do Projecto Aventura Social & Saúde (2003). *A Saúde dos adolescentes portugueses (quatro anos depois)*. Lisboa: Edições FMH. (também disponível online em [www.fmh.utl.pt/aventurasocial](http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial), ou [www.aventurasocial.com](http://www.aventurasocial.com)).

Matos, M. G (2005). *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola*. Lisboa: Edições FMH. (também disponível em [www.fmh.utl.pt/aventurasocial](http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial) ou ainda [www.umaventurasocial.blogspot.com](http://www.umaventurasocial.blogspot.com)).

Matos, M. G., Simões, C., Tomé, G., Gaspar, T., Camacho, I., Diniz, J. A., et al. (2006). A saúde dos adolescentes portugueses: Hoje em 8 anos. Acedido em 20 de Dezembro de 2006 (também disponível online em [www.fmh.utl.pt/aventurasocial](http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial), ou [www.aventurasocial.com](http://www.aventurasocial.com) ou ainda [www.umaventurasocial.blogspot.com](http://www.umaventurasocial.blogspot.com)).

Matos, M.G. (2008) *Sexualidade, Segurança e SIDA*, Lisboa: IHMT/FMH/FCT (também disponível online em [www.fmh.utl.pt/aventurasocial](http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial), ou [www.aventurasocial.com](http://www.aventurasocial.com) ou ainda [www.umaventurasocial.blogspot.com](http://www.umaventurasocial.blogspot.com)).

MSP - Ministério da Saúde Pública – Uruguai (2007). Adolescent Health Program. MONTEVIDÉU.

MINSA (2008). Atención Integral de Salud en la Etapa de Vida Adolescente. En red: <http://www.minsa.gob.pe>.

Nodin, N. (2001). *Os jovens portugueses e a sexualidade em finais do século XX*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.

Piscalho, I., Serafim, I., & Leal, I. (2000). Representações sociais da educação sexual em adolescentes. Actas do 3.º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Lisboa: ISPA.

Ramiro, L., & Matos, M (2008). Percepções de professores portugueses sobre Educação Sexual. *Revista de Saúde Pública*, 42, 4, 684-692. [ Links ]

Reis, M. H. (2003). *A educação sexual nas escolas Portuguesas: Os professores como actores na sua implementação*. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Manuscrito não publicado.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338  
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390  
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

### B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

### C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

### D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398  
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310  
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388  
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

## F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

## G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

## H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

## I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

## J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

## **L**

Ludicidade 152

## **M**

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

## **N**

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

## **P**

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

## **R**

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

## **S**

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,



129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393  
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

## V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-609-6

